



AFLUENTE: REVISTA DE
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

Gil Derlan Silva Almeida

*Universidade Federal do Piauí/
Instituto Federal do Maranhão
gilderlansilva@hotmail.com*

Sebastião Alves Teixeira Lopes

*Universidade Federal do Piauí
slopes10@uol.com.br*

*Sobre as deusas, putas e odiadas: a presença
da prostituta em Cais da Sagração de
Josué Montello*

RESUMO: Este artigo objetiva discutir o espaço da prostituta dentro da história, bem como da literatura de Josué Montello em seu romance Cais da Sagração, publicado originalmente em 1969. Pormenorizada e inferiorizada em muitas instâncias da vida social, mas sempre com papel de destaque no seio da literatura e suas múltiplas interações com outras áreas, a figura da meretriz permeia um imaginário de significações e mistérios que a fazem mulher ambivalente e enigmática em suas aparições. Valemo-nos aqui dos diálogos teóricos apresentados por De Marco (1986), Moraes (2015), Qualls-Corbett (1990) e Roberts (1998), tendo em vista seus estudos sobre essas personagens no âmbito da história e das letras, assim como a menção a outros nomes que trazem tais personagens em seus fios narrativos.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituta; História; Literatura.

INTRODUÇÃO



O tema da prostituição sempre foi assunto por demasiado delicado nas discussões do meio acadêmico, quer seja por carregar o estigma e tabu que o remetem ao erotismo, ou até mesmo pela falta de trabalhos e produções nesta linha; assim, grande parte do estudo sobre essa temática ainda é visto com olhos de pouca credibilidade e ressalva. No texto literário, as representações dessas personagens perpassam toda uma história de discursos que colocou as meretrizes em posição de inferioridade dentro do seio do mundo patriarcal, do qual fizeram e fazem parte. Ao passo que essas personagens galgavam espaços dentro da sociedade que usava de seus serviços, vemos aos poucos suas condições de vida e trabalho serem paulatinamente diminuídas e rebaixadas.

O desejo pela pesquisa sobre a temática da prostituição partiu do inquietamento ao analisar como inúmeras obras da literatura nacional e estrangeira trazem essas personagens em seus textos e contextos, mas que essas aparições são quase sempre marcadas pelo estigma do erótico, sexual e obsceno. Até aí, não enxergamos um grande problema, desde que esse não fira as alteridades, mas é no estigma social que enxergamos onde os discursos se moldaram para a inferiorização e rebaixamento de tais mulheres. O espaço da margem tornou-se a casa da cortesã. Sua aparição em bordéis, prostíbulos e a representação destes lugares como seios de crime e más condutas retratam como essas mulheres têm suas imagens mostradas à sociedade.

O cânone composto pelos grandes nomes da literatura brasileira foi outra variante que nos fez voltar os olhos para os textos literários que trazem consigo a presença dessas mulheres. Foi mais especificadamente na escrita de José de Alencar em *Lucíola* (2002) e de *Amar, Verbo Intransitivo* (1979) de Mário de Andrade que aguçamos nossa vontade de escrever e pesquisar sobre o tema. Aqui, propomo-nos a fazer este caminho nos meandros do texto de Josué Montello, em sua obra *Cais da Sagração* (1973).

Josué Montello, um dos grandes nomes da literatura maranhense e nacional, ganhou destaque com sua escrita densa e com a construção de vieses memorialísticos em seu texto. Sua



produção, quase que na totalidade, traz a identidade maranhense e mostra ao restante do Brasil qual a história por trás do discurso elaborado sobre o Maranhão e outros estados do país. Tendo São Luís, capital do estado, como plano de fundo, o texto montelliano beira entre a narrativa fantástica e o retrato do quadro social, muitas vezes triste e cheio de pesar, mas que também apresenta a vida e o combate que recaem sobre os ombros do povo maranhense.

Em *Cais da Sagração* (1973), Montello apresenta-nos Vanju, uma personagem recém-saída da vida do prostíbulo de São Luís e que encontra nos braços de Mestre Severino, protagonista do enredo, a oportunidade de ser mulher de família e componente aceita do seio da sociedade que ela tanto almeja ocupar.

Traçaremos aqui um breve aparato sobre a evolução do desenrolar da condição das prostitutas na história, como esse grupo de personagens que outrora já ocuparam a categoria de deusas e senhoras, líderes de toda uma sociedade, foram, então, remetidas à figura de criminosas e de perigo aos valores cristãos e sacralizados da família e nação. A Igreja que muito utilizou de seus serviços, tornou-se sua inimiga mortal e em muitos momentos, moldou os discursos e dizeres de seus fiéis, a fim da construção de um imaginário de ódio e repulsa sobre essas mulheres no decorrer e deslindar do tempo.

Perpassando pela puta mercadoria que visa o lucro e a venda do corpo como meio de vida, ou por aquela pobre moça jogada ao infortúnio da vida e das situações que a levaram a tal atividade, as mulheres da vida de nossa literatura navegam na superfície e no fundo das emoções. Ultrapassam as molduras trágicas, piegas e dramáticas que grande parte das personagens vestiam nos enredos nacionais. Por sua vez, a associação da prostituta ao fetichismo mercadológico chama a atenção para outro enigma que recai sobre o estudo do feminino: os tipos sociais da mulher e as relações de poder que esta carregava nas letras brasileiras.

DO SAGRADO AO PROFANO: A FACE DA PROSTITUIÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA



"No início era o matriarcado". É nesta frase de Nickie Roberts, em sua obra *As Prostitutas na História* (1998) que nos deparamos com o primeiro discurso do passado sobre a condição de vida e o estado das meretrizes. Era essa realidade que abarcava nossas personagens nos tempos antigos. A primeira noção remetida a essas mulheres era a conferência do *status* de deusa, responsáveis pela fertilidade da nação e representações humanas da figura da própria entidade sobrenatural na terra. Essa adoração data de mais de 25 mil anos e as primeiras prostitutas da história ocupavam um papel de extrema importância dentro da sociedade.

Com a atribuição de deusas na terra, as prostitutas eram responsáveis pela comunicação com a deusa-mãe da fertilidade e por manter o canal de comunicação com o divino sempre aberto. Eram visitadas por xamãs e sacerdotes, mas somente as próprias mulheres escolhidas podiam ser o meio de conexão com a divindade máxima, pois eram seres dignos da mais alta confiança entre os seus.

Esse sistema matriarcal de vida em grupo conferiu às mulheres a figura de donas do lar e responsáveis pelo bom desenvolvimento da família e sua manutenção. Acreditava-se que até o primeiro sistema de linguagem se desenvolveu pela necessidade de comunicação por conta do trabalho, até então desenvolvido por elas. Vemos, assim, quão significativa a figura da mulher, e aqui em destaque das prostitutas, era no bojo da história antiga e de seus desdobramentos. A ameaça a toda essa ordem social começa dar sinais de sua aparição com os primeiros grupos de nômades que adentram na região. Desta maneira:

[...] as culturas da deusa, amante da paz, não puderam se desenvolver tranquilamente. Em torno de 3000 a.C., tribos de guerreiros, dominadas por homens nômades, cuja nova consciência do papel do homem na procriação era uma parte essencial da sua economia de criação de gado, começaram a invadir os territórios matriarcais, finalmente subjugando os povos da deusa e sujeitando-os ao poder do masculino (ROBERTS, 1998, p. 22).

Sobre as deusas, putas e odiadas:
a presença da prostituta em *caís da sagração* de Josué Montello
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,
p. 77-95, jan./jun. 2020
ISSN 2525-3441

Notam-se, no contato com esses povos, com significação de pensamento e cultura distintos, os primeiros traços do



sistema patriarcal se apresentando, colocando a figura do homem como membro e líder nato da sociedade por sua condição biológica e física. É nesta perspectiva que a derrocada do matriarcalismo começa a se instaurar e ameaçar a liberdade de vida de nossas personagens.

Nas sociedades agrícolas do Nilo e da Mesopotâmia, as prostitutas passaram gradativamente a terem seus postos de poder ameaçados pela figura de sacerdotes que, resguardados na superioridade masculina pregada pelos novos pensamentos, relegaram a estas mulheres os espaços de fora dos templos, ou quando dentro destes, a vigilância de seus cultos e reuniões sob o olhar de dirigentes homens.

Dessa forma, não sobrou muito espaço para a liberdade do culto de suas práticas. Aos poucos, a situação foi ficando mais grave e, então, essas mulheres estavam em tavernas rogando às deusas prosperidade e bonança. Nessas práticas de culto nas tavernas, ou seja, fora dos muros e paredes dos templos sagrados, temos a primeira menção do que provavelmente seriam as prostitutas de rua. Aí residem as subversões do caráter sagrado de suas práticas para o cunho sexual de suas ações.

Por meio dessas políticas de exclusão que estavam sendo implantadas começaram a se estabelecer os muros que separavam as donas de casa das meretrizes. Com o processo de segregação de quem era pura e digna da instituição e de quem eram as mulheres relegadas ao prazer e ao sexo libidinoso, surgiram outros desdobramentos, ou seja, novas categorias usadas para diferenciar essas mulheres, a exemplo: roupas, comportamentos, expressões etc.

Como podemos ver neste trecho, Nickie Roberts situa historicamente essa divisão simbólica entre mulheres que se viam obrigada a tolerar uma sociedade patriarcal que cada vez mais se mostrava atuante junto ao seio da família.

Como a profissão da prostituição, a divisão das mulheres em esposas e prostitutas é tão antiga quanto a história (patriarcal). Foi na antiga Suméria, em torno de 2000 a.C., que surgiram as primeiras leis segregando as duas. O código de *Lipit-Ishtar* estabelecia que: "Se a esposa de um homem não tiver lhe dado filhos, mas uma prostituta da rua tiver lhe dado filhos, ele deve prover essa prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que a prostituta gerou serão seus herdeiros,

Sobre as deusas, putas e odiadas:
a presença da prostituta em *cais da sacração* de Josué Montello
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,
p. 77-95, jan./jun. 2020
ISSN 2525-3441

mas enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa" (ROBERTS, 1998, p. 27).



É neste misto de privação de direitos e início de abusos contra as meretrizes que a sociedade patriarcal se estabelece enquanto detentora do poder da dominação masculina sob a feminina. Estas mulheres, que antes ocupavam posição de deusas, agora são relegadas a condições de vida e direitos diminuídos. Em *A Dominação Masculina* (2017), vemos como a pressuposição que as mulheres são sempre seres em instância inferior a masculina e naturalmente se destinam a uma condição servil, essa afirmação é uma das prerrogativas utilizadas para a sustentação das diferenças entre homens e mulheres. (BOURDIEU, 2017).

Com a derrocada de suas liberdades e os processos de dominação em plena ascensão, surgiram as famosas casas de prostituição. Esses espaços atraíam centenas de homens, para que, na condição de clientes e usuários dos serviços do meretrício, pudessem satisfazer seus desejos mais libidinosos. Acreditava-se naquele período que havia mais prostitutas que árvores. (ROBERTS, 1998).

Acreditava-se que o homem deveria ter a plenitude da realização de seus desejos sexuais, porém a esposa, enquanto representação da moral e dos bons e costumes, não poderia se sujeitar a extravagâncias desta natureza. Era, então, na rua, com as meretrizes que os senhores buscavam tal prazer. À medida que a senhora de casa deveria demonstrar o recato e a pureza impostos a sua posição social, a prostituta deveria satisfazer este senhor com suas mais variadas fantasias.

As prostitutas eram nesse período as responsáveis pela satisfação sexual de muitos homens. Todo tipo de prática sexual escandalosa, fetiche ou curiosidade deveria ser de uso com uma meretriz. Estas eram as incumbidas da missão de prover o descarregamento dos desejos sexuais dos homens civis, guerreiros e autoridades. As mulheres do lar, símbolo de pureza e do matrimônio bem consolidado, deveriam ser as responsáveis pelo cuidado dos filhos e da casa, antro de pureza e de moral inquestionáveis. (MORAES,

2015).



É na Grécia Antiga e Clássica, mais precisamente na virada do século VI a.C., que o estopim da perseguição contra as prostitutas começa a se moldar e se fazer, de fato, pelos olhos da sociedade que a rodeava, mas não a defendia. Conceitos básicos como democracia, voto e direito à propriedade não podiam ser conferidos a tais sujeitos, pois apenas homens poderiam ser donos de terra, votantes e exercer sua voz na escolha de representantes. Até mesmo as mulheres donas de casa tiveram suas vozes e direitos cerceados neste ínterim.

O conhecimento intelectual, as letras e a cultura não deveriam ser incentivados nem disseminados entre nenhuma mulher, não importando em qual condição se encontrasse. As esposas, em parte, eram marcas das prostitutas, pois ambas compartilhavam da condição de sujeitos femininos. Assim, algumas privações destinadas a uma categoria se estendiam às outras.

Sabemos que práticas como essas serviriam para a disseminação do ódio contra as meretrizes, pois, se antes já eram odiadas pelos homens que as buscavam apenas no interesse sexual e carnal, agora tinham que conviver também com o desprezo das "senhoras de bem", que julgavam estarem sendo prejudicadas pela presença e permanência dessas mulheres impuras. Salta-nos aos olhos como em tão pouco tempo a estrutura de sociedade se altera de forma que estas personagens passam da condição de deusas e adoradas a criminosas e seres odiados.

Outro ponto que merece destaque em nossa discussão parte da ideia de que muitas mulheres na Grécia Antiga receberam a significação de prostitutas sem sequer nunca terem exercido, de fato, o meretrício. Como vemos em Roberts (1998, p. 39): "Para as mulheres, sair da sombra de seus maridos significava serem publicamente identificadas como prostitutas. Mesmo as mulheres 'respeitáveis' que negociavam no mercado eram assim rotuladas". Percebemos que o preconceito e a discriminação ultrapassavam a simples noção da prática dos atos sexuais, ou seja, qualquer mulher que demonstrasse um comportamento minimamente empoderado ou autônomo receberia o título de meretriz e todos os pormenores prejudiciais advindos com este estigma.



No Império Romano, também encontramos fortes indícios de como o patriarcalismo e suas práticas diminutivas contra as mulheres se apresentavam. Com grande força em Roma, os latinos introduziram severas leis contra mulheres, obrigando-as muitas vezes a se casarem e a terem filhos de qualquer maneira (ROBERTS, 1998). Essas regulamentações sem qualquer fundamento, apenas com a ideia de garantir o processo de procriação, considerada serventia única e fundamental da mulher, contribuíram para que diversas meninas e senhoras “de respeito” buscassem o caminho da prostituição. Era melhor ter seu corpo sob seu domínio, ainda que subjugado, que sob pena de uma lei que, ao invés de apoiá-la, privava-a de suas próprias escolhas.

Neste momento de destruição e propagação de métodos a fim de controlar o poderio dos homens sobre as mulheres, surgem as primeiras divisões dentro da própria classe das prostitutas. Em Roma, aconteceram subdivisões internas que as dividiram em Baixa e Alta classe. A Alta Roma era composta pelas classes dominantes: homens da elite intelectual, políticos, sacerdotes e senhores endinheirados, sempre muito bem acompanhados de suas belas concubinas que também integravam o grupo.

A Baixa Roma era formada por prostitutas pobres, mulheres que adentraram nessa condição por terem sido vendidas por suas famílias para a quitação de débitos agrícolas, bem como viúvas que, com a morte do marido, ficaram totalmente desamparadas financeiramente. Este segundo grupo se localizava nas tavernas, soleiras e nos cemitérios das cidades, onde imploravam pela contratação a fim de qualquer retorno monetário para suas subsistências.

Não obstante todas essas políticas de segregação contra o mercado e as práticas de prostituição, cabe ressaltar o extremo e pomposo lucro que o Estado obteve com o ramo do meretrício. Imperadores romanos como Calígula impuseram impostos extremamente altos sobre os serviços das prostitutas, o que gerou ao governo lucros inimagináveis. (ROBERTS, 1998).

As formas de lucro nesse mercado eram das mais variadas possíveis, desde a própria cobrança de impostos, como já fora citado, até o aluguel de propriedades e imóveis, onde funcionariam os



bordéis. Essa camada de homens que tiravam riquezas da exploração do comércio do sexo estava permeada por toda a sociedade romana e ocidental. Consistiam em bispos, clérigos, senadores, fazendeiros ricos e donos de estabelecimentos comerciais. Há relatos, no tocante à exploração do comércio do sexo por religiosos, que diversas catedrais europeias foram erguidas à custa do trabalho de inúmeras prostitutas. (ROBERTS, 1998).

No que concerne aos tempos medievais, o ramo da prostituição enfrenta um aumento na sua perseguição por parte da Igreja Católica. Centrados no pensamento Teocentrista e na soberania da religião em detrimento a quaisquer outras instâncias da vida, o homem medieval renega todas as mulheres que não tinham condições de sustento e independência financeira ao caminho e estigma da prostituição.

Às meretrizes da Idade Média, sobrou o sexo com nômades e homens itinerantes ou a busca em outras cidades pela venda de seus corpos. No texto de Roberts,

Algumas prostitutas especializaram-se em servir os peregrinos; os homens que viajavam para os locais do martírio sagrado para pagar suas promessas aparentemente sentiam necessidade de serem "entretidos" no caminho. Enquanto isso, as mulheres peregrinas com frequência se sustentavam vendendo sexo nas cidades por onde passavam; na verdade, algumas delas até mudavam de carreira no meio da viagem (ROBERTS, 1998, p. 91).

Acreditava-se que até algumas freiras ou beatas que rodavam os territórios pregando a palavra de Deus "mudaram de caminhos" durante seus trajetos. Outro ponto de destaque no período medieval sobre a presença das prostitutas são os chamados "Lares de Madalena", casas que eram consideradas ambientes de redenção às mulheres que tiveram sua trajetória de vida desviada por alguma razão. Consistiam, basicamente, em instituições extremamente rígidas que procuravam trazer de volta ao caminho da retidão mulheres que se desviaram da vida cristã.

Nos Lares de Madalena, muitas prostitutas passavam por condições humilhantes de vida, onde estavam sujeitas a todo tipo de castigo físico e psicológico, como remédios e punições físicas para a remissão de seus pecados e perdão por seus atos imundos. Nessas casas, as moças eram colocadas à dieta de pão e água e quase

sempre aprisionadas em celas sujas, sem ventilação e extremamente apertadas. Acreditava-se mais do que nunca que na dor física residia a purificação dos pecados dessas mulheres.



Na Renascença, as prostitutas experimentaram um leve suspiro de prestígio. Foi a verdadeira época do Império das Cortesãs. Inúmeras mulheres tiveram acesso ao conhecimento das letras, ciência e política, ainda que de forma limitada. Muitas meretrizes se tornaram senhoras extremamente bem-sucedidas, e algumas até alcançaram postos elevados na corte europeia.

Nesse período da história, era quase consenso a ideia de encarar a prostituta como um "mal necessário", assim, por mais que elas representassem um perigo aos bons costumes e à moral que se pregava inquestionável da sociedade, via-se também que a falta dessas mulheres poderia afetar seriamente uma das mais importantes instituições da vida social: o casamento.

As donas de casa, senhoras respeitáveis e de reputação ilibada não poderiam ceder a certas práticas libidinosas propostas por seus companheiros. Então, para a sociedade da época, nada mais justo e correto que a senhora de casa fosse o símbolo da boa reputação, ao passo que nas prostitutas deveriam servir de válvulas de escape para as aventuras amorosas e sexuais.

Já nos séculos XVI e XVII, se estendendo até o XX, a situação dessas mulheres toma ares de legalização com muitas ressalvas. As casas de prostituição, ou como eram chamadas na época *maisons de tolérance*, assumem conjunturas de empreendimentos e foram criadas sob a ótica severa das leis dos governantes. Esses espaços serviam de antros de prazer para aqueles que buscavam aventuras extravagantes e sem compromisso ao fim do ato sexual.

Esses estabelecimentos surgiram como uma contrapartida do Estado em criar ambientes legalizados, diferentes dos bordéis da Renascença, que ainda perduravam nessa época. Os referidos bordéis, como funcionavam totalmente na ilegalidade, não dispunham do mínimo de atendimento com qualidade e higiene para seus clientes, o que



poderia representar um perigo para a saúde pública do período. Nesses segundos, já era possível ver o mínimo de condições de saúde e higiene, afinal, passavam por rigoroso controle das leis e fiscalização de agentes do Estado. Com vemos:

[...] abertos por tolerância, uma situação bastante precária. Assim, em resposta *ad hoc* à repressão, surgiu o sistema de *maisons de tolérance*, casas selecionadas que eram "toleradas", mas sempre mantidas sob estreita vigilância pelas recém-criadas forças da lei e da ordem; um sistema que caracterizou o cenário da prostituição francesa até uma boa parte do século XX (ROBERTS, 1998, p. 153).

Notamos, dentro da legalidade imposta pelo governo ao trabalho e à atuação das prostitutas, que essas mulheres ainda eram colocadas em completa situação de submissas frente a seus senhores. Estava muito longe ainda de toda essa trajetória de opressão e violência se encerrar.

Ainda nos meados dos séculos XVIII e XIX, muitas prostitutas adquirem *status* de atrizes, cantoras e artistas. Nesse momento, diversas meretrizes assumiram as coxias, fundo das cortinas e palco dos grandes teatros da Europa e se firmaram no mundo artístico como verdadeiras personalidades de idolatria pelo grande público. A aristocracia europeia encontrava seu apogeu nesse recorte de tempo.

Era comum de se ouvirem comentários maldosos sobre como apesar do imensurável talento de determinada atriz, a coitada ainda levava uma vida dupla de concubina de algum fidalgo casado e poderoso (ROBERTS, 1998). Pouco após esse aparente *glamour* em torno da figura das cortesãs começaria uma onda de ódio e repulsa como há muito não se via.

Nosso recorte de delimitação de tempo sobre a história das prostitutas chega ao século XX, período de publicação da obra por nós escolhida para análise e discussão. É neste período que mais do que nunca a luta pelos direitos e liberdades das prostitutas se misturam com a própria luta do movimento feminista. Sempre na alcunha de profissão da escuridão (ROBERTS, 1998), a luta das meretrizes se coaduna com diversos pontos históricos de nosso mundo, tais como a Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Queda do Muro de Berlim etc.

É, então, necessário dizer que essas personagens permearam todo o desenrolar e desenvolvimento de nossa história. O processo de representação das prostitutas na literatura ao

Sobre as deusas, putas e odiadas:
a presença da prostituta em *cais da sacração* de Josué Montello
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,
p. 77-95, jan./jun. 2020
ISSN 2525-3441



passo que cria, em algumas obras, o estigma de mal social, propicia também a múltipla construção dos significados (MORAES, 2015). É justamente nesse imaginário em torno da figura dessas cortesãs que muitas obras do nosso cânone se estruturam. Afinal, o que dizer das já citadas *Lucíola* (2002), *Elza de Amar, Verbo Intransitivo* (1979), *Madame Bovary* (2002), *A Dama das Camélias* (1997), entre tantas outras.

É nessa perspectiva plural que adentramos os mares de *Cais da Sagração* (1973). É nesse misto da puta mal falada, desrespeitada e intolerada que traçamos a imagem do que o texto de Montello nos agracia. No desenrolar das ações de Vanju, sua personagem cortesã, descobrimos o fazer literário de um dos mestres da literatura maranhense.

VANJU: CONCUBINATO E MORTE

A personagem meretriz que compõe o enredo de *Cais da Sagração* é uma mulher que esbanja beleza e sensualidade. Vanju se apresenta como a típica mulher brasileira e maranhense, um misto de encantamentos que fariam qualquer homem perder a cabeça. É nessa linha que nos adentramos o universo de Vanju.

Temos em Vanju uma mulher estonteante, que sonha com a saída do mundo da prostituição e a realização de uma vida enquanto senhora de família. Ao mesmo tempo em que se personifica esse poder sob a figura de Vanju, por ordenar vontades a Severino, afinal, a concubina tem nosso barqueiro a seus pés. Aquilo que já fora atentado ao pudor e aos bons costumes da sociedade machista e patriarcal maranhense, agora se manifestava na literatura como forma de quebra de velhos preceitos e proposição de visibilidade a uma classe de mulheres que sempre acompanhou a história do mundo, pois desde a Antiguidade ocupam espaços e fazem-se presentes nos mais variados locais e instituições.

Vale ressaltar que, por sua origem do cabaré, obviamente nossa personagem enfrenta todos os dilemas que a sociedade patriarcal e machista lhe impõem. Traço de destaque, e que aqui ressaltamos, é o desejo sempre exaustivo de Vanju de ser vista



como mulher do lar e de bem. Na pobre Vanju, a alcunha de meretriz se fazia presente e atormentava o juízo da personagem.

Como nos é mostrado no transcorrer da história, as vestimentas constituem uma parte essencial no que é dito sobre os sujeitos. As roupas, acessórios, dentre outros, mostram-nos

muito do processo de como os indivíduos eram e ainda são interpretados no seu espaço e tempo. Conforme Novaes e Souza: “vestir-se com requinte e com tecidos importados e raros, falar bonito e pavonear opulência eram preocupações forjadas na privacidade, para serem exibidas na rua. Nada mais correto, e, nada mais necessário numa sociedade onde o ‘parecer’ tornara-se mais importante do que o ser” (NOVAES; SOUZA, 1997, p. 289).

Dessa forma, via-se nas roupas a possibilidade de conhecer alguém, no caso de uma prostituta, talvez até a ausência daquelas também dissesse muito. Vanju sonhava em usar chapéus coloridos, grandes, esvoaçantes, símbolos de um requinte e sofisticação; nossa personagem queria ser aceita dentro do mundo que a rejeitava. Em Montello, vemos:

Pelo gosto¹ de Mestre Severino a Vanju não teria vindo de chapéu – um vistoso chapéu de palha vermelho, aba grande, uma fita dourada em volta e caindo para o lado, com as duas pontas soltas por cima do ombro. Ela, porém, teimara em vir, mirando-se embevecida no espelho grande da sala, e a verdade é que seu rosto redondo, com um sinal no canto da boca, o ar brejeiro realçado pela inclinação dos olhos, fartos cabelos negros, tinha ficado mais bonito. (MONTELLO, 1973, p. 15).

Notamos como a beleza de Vanju era estonteante, não sendo à toa que Mestre Severino tenha caído de encantos por essa mulher. Outro ponto que merece destaque dentro das vontades de Vanju, que era podado pela alcunha de meretriz, era seu desejo incessante de casar-se de branco na igreja. Após ser retirada do bordel por Severino, Vanju sonha que agora terá a oportunidade de concretizar seu sonho de matrimônio e ser uma mulher respeitada.

Tal desejo encontra no decorrer do enredo diversos empecilhos. Mulher recém-saída do bordel com desejo de se casar na Igreja Católica, e de véu e grinalda? Seria inimaginável para esta paróquia aceitar tal fato. O padre da paróquia, Dourado, grande amigo de Mestre Severino, mostra que entende o sentimento de ambos e o desejo de Vanju, mas por

convenção social e bons costumes não poderia em hipótese alguma ceder a tal devaneio. Como vemos:

– Como é que o senhor quer que ela case de véu e grinalda – interrogou o padre, depois de um silêncio longo, cruzando os braços por cima do peito – se o senhor mesmo acaba de me dizer que sua noiva era mulher da vida? O véu e a grinalda, com as flôres de laranjeira, compõem um símbolo de pureza, que ela não pode ter. (MONTELLO, 1973, p. 16).



Vanju não teria facilmente seu desejo realizado. Retrato de uma vida de bordéis às margens do Cais da Sagração, mulher prendada na cama com muitos homens, e especialmente marinheiros, o passado de nossa personagem se fazia tão vivo que não importava onde esta fosse, ele a acompanhava.

Outro ponto que merece destaque dentro do enredo de *Cais da Sagração* (1973) é a relação que Vanju tinha com Mestre Severino e sua companheira Lourença. Os três viviam em uma mesma casa, mas numa relação de poderes e jogos amorosos diferentes. Severino tinha como companheira há muito tempo já em sua vida Lourença, esta era mulher forte, sem atributos de beleza, mas uma dona de casa formidável. Cuidava de absolutamente tudo que Severino precisava; nosso mestre a encarava como uma empregada, mas acima de tudo também como uma grande amiga. No entanto, não tinham relações amorosas há muito tempo.

Após conhecer Vanju no Largo do Carmo, região caiçara da Grande São Luís, e se encantar pela morena de seios fartos, como ele bem nos descreve, Severino a leva para casa e os três passam a viver numa relação de família. Lourença cuida da casa e dos dois outros moradores e Vanju tinha como ofício ser bonita e encantar Severino de amores e noites de prazer, papel com o qual Lourença jamais teria condições de competir. Nas palavras de Montello:

De manhã à noite, parecia que o ofício da Vanju era apenas ser bonita. Acordava tarde, já com o sol alto, cuidava muito das unhas, levava mais de hora de banho cheiroso, perfumava-se com água de colônia, esquecia-se das horas a se olhar no espelho grande da penteadeira, e todos os dias trocava de vestido. E eram muitos, valha-me Deus! E de todas as côres. [...] E como a môça mudava de penteado, minha Santa Luzia! (MONTELLO, 1973, p. 37).

Estes primeiros contatos de Lourença com Vanju por si só já mostram que nossa senhora não teria condições de



competir com a rival, como, de fato, acontece. Lourença cria os filhos e netos de Vanju como sendo seus e sua relação de servidão apresentada mostramos como o poder de sensualidade de uma em relação em outra era forte e desigual. A própria Lourença reconhecia não ter sequer uma chance de competir com a concubina de seu companheiro. (MONTELLLO, 1973).

Destacamos que a figura da prostituta é usualmente permeada da significação do belo e do erótico. Tais artifícios seriam suas armas para a busca de seus clientes, o que lhe garantiria a sobrevivência (QUALLS-CORBET, 1990). Esses estereótipos em torno da figura da cortesã são descritos bem claramente nas proposições e diálogos de Valéria de Marco em sua obra *Império da Cortesã*, publicada em 1986.

Discute-se como o imaginário popular moldou e edificou a figura da prostituta. A autora nos chama a atenção para como muitos estudos teóricos possuem uma ladainha moralizante, e esta se faz importantíssima na tentativa de justificar o texto (DE MARCO, 1986). O aproveitamento moral que se deseja dá ao enredo a construção de uma ferramenta para a formação e contação da própria estória.

Um traço e momento que seguramente marcam e destacam Vanju na trama são suas supostas intenções em trair Severino. Após um determinado tempo juntos, e com a mudança de um vizinho novo para as proximidades da casa, Severino acha que supostamente seria traído por Vanju, caso não intervisse na situação. Eis a justificativa: “– Sei que fiz minha desgraça. Padre Dourado, mas não vi outra saída. Se não matasse a Vanju agora, ela tornava a ser o que era antes. Tive de cortar o mal pela raiz. Não havia outro jeito” (MONTELLLO, 1973, p. 90).

Nesse momento, entendemos o deslindar do fim de Vanju. Morta por seu companheiro Severino, deparamo-nos com a ideia no pensamento do barqueiro que Vanju não teria como negar suas origens e instintos. A única forma de evitar a traição seria matando a ex-prostituta. Na concepção de Severino, uma vez mulher da vida, assim o seria sempre. Se houvesse a oportunidade, Vanju tornaria a cair na vida de outrora e seria de outros homens. É no medo do envolvimento da companheira com Dr. Genésio, magistrado recém-nomeado para assumir a

Promotoria da cidade, que Mestre Severino comete seu crime, o que lhe confere muitos anos de reclusão da cadeia da região.

– O senhor ia me dizer que eu tivesse paciência, que eu estava exagerando. Eu acabava amolecendo, dava razão ao senhor. E depois? Depois a Vanju tornava a se perder, hoje de um, amanhã de outro, e ainda por cima com meu nome. Não, Padre, era demais! E eu gostava dela. Como nunca quis outra mulher. Por isso pensei muito, antes de tomar minha decisão. Quando vi, ainda em tempo, que não tinha para mim outra saída, aceitei minha desgraça. E aqui estou, Padre Dourado (MONTELLO, 1973, p. 91).



Assim, vemos como se desenrolou o fim de nossa personagem, perdida entre os possíveis devaneios de seu homem. Vanju nos mostra como a figura da prostituta foi apresentada na obra de Montello. O autor maranhense, que ganhou fama por trabalhar em tom memorialístico a construção e desenvolvimento do Maranhão, apresentou-nos uma personagem cheia de nuances e sutilezas. Vanju morre implorando por sua vida nos braços de Severino, enforcada na beira da praia, um dos cenários mais importantes para a construção do fio narrativo de espaço em *Cais da Sagração*. Vemos, portanto, a vida se esvaír desta mulher faceira que marcou a literatura maranhense.

Dona de presença forte e marcante, o libidinoso se mistura às histórias de vida e às condições, que, como vimos no tópico histórico, essas mulheres tiveram de suportar. Talvez, dentro da infinidade de imaginações e pormenores que se desdobram da análise dessas mulheres tão marcantes na história, vejamos como as pequenas lacunas do falar sobre prostitutas realmente se estruturam e anseiam por explicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as mudanças que marcaram a história das prostitutas no decorrer do tempo até nossos dias, vemos que, sem dúvida, a perda dos direitos e o processo paulatino de corrupção de suas imagens foi um grande fator que culminou no cerceamento de muitas vozes e direitos. Dentro da escrita do que essas mulheres representaram, viu-se na maioria das situações a assimilação que permeia um imaginário de “mal necessário”.

É nesse bojo da ideia que reside a nossa escrita. A fim de propiciar o pensamento sobre como essas figuras se



demarcaram enquanto personagens de poder e donas de enredo em muitas obras canônicas, vemos aqui que Vanju era uma no meio de muitas. Na trama de Montello, refletimos sobre a condição da mulher meretriz na capital São Luís, em seu pleno processo de industrialização e crescimento. Os ares modernos

que adentravam a nova vida urbana mostravam ainda que a condição dessas mulheres nas beiras de praia e ao redor dos portos em muito se assemelha à antiga condição de tavernas e bares medievais.

Desta forma, entendemos que os estudos sobre a representação das prostitutas na literatura ainda são um terreno por demasiado dignos de muita atenção, carentes de muitas pesquisas e aprofundamentos. Sabemos da impossibilidade de esvaziar e esgotar essas discussões. No entanto, minimamente preencher algumas lacunas já nos enche de contento.

A prostituta foi desprovida de suas emoções e nos entrelaços de textos e contextos é considerada um ser danificado e magoado pelas próprias consequências de suas escolhas de vida, pelo impacto social de sua profissão e pela dita falta de pureza e castidade de sua carne, tendo em vista as relações sexuais com diferentes parceiros. Assim, vemos a prostituição como a instauração de uma própria instituição marginalizada, pois ocupa espaços ditos subversivos, é excluída socialmente de muitas esferas e enfrenta preconceitos variados em sua existência, mas ainda assim instituição social, com elementos básicos como: povo, deveres e organização de vida, porém com a privação de muitos direitos. Esta que desde os primórdios das épocas e sociedades tem papel crucial nas vidas públicas e privadas, servindo por vezes como remédio para as monogâmias familiares.

Entender a figura da cortesã falada pelo outro, lida pelo outro e tantas vezes apontada por todos é uma inquietação que ainda move trabalhos dessa linha. Por meio da compreensão de que essas mulheres adentraram as mais diversas obras da literatura mundial, passando por quase todos os movimentos, podemos significá-las como tema plural, ambivalente e um grande mistério no texto literário.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, J. *Lucíola*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ANDRADE, M. *Amar, verbo intransitivo*. 14. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Cultural, 1979.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- DE MARCO, V. *O Império da cortêsã*. Lucíola, um perfil de Alencar. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- DUMAS, A. *A Dama das Camélias*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Tradução de Araújo Nabuco. São Paulo: Abril, 2002.
- MONTELLO, J. *Cais da Sagração*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- MORAES, E. R. Francesas nos trópicos: a prostituta como tópic literária. *Teresa*: Revista de Literatura Brasileira, n. 15, p. 165-178, 2015.
- NOVAIS, F. A.; SOUZA, L. M. (org.). *História da Vida Privada no Brasil*: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1.
- QUALLS-CORBETT, N. *A prostituta sagrada*: a face eterna do feminino. São Paulo: Paulus, 1990.
- ROBERTS, N. *As Prostitutas na História*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1998.



Recebido em 07 de abril de 2020.

Aprovado em 05 de maio de 2020.

ABOUT THE GODDESS, HOOKERS AND HATED: THE PRESENCE OF THE PROSTITUTE IN CAIS DA SAGRAÇÃO BY JOSUÉ MONTELLO

Abstract: This article has as goal to discuss the presence of the prostitute inside the history, as well as the literature of Josué Montello in his novel *Cais da Sagração*, originally published in 1969. Detailed and downgraded in many instances of social life, but always with a prominent role in literature and its multiple interactions with other areas, the figure of the prostitute permeates

an imaginary of meanings and mysteries that make her an ambivalent and enigmatic woman in her appearances. We use



here the theoretical dialogues presented by De Marco (1986), Moraes (2015), Qualls-Corbett (1990) and Roberts (1998), considering their studies on these characters in the context of history and letters, as well as the mention of other names that bring these characters in their narrative threads.

Keywords: Prostitute; History; Literature.

ⁱ Nota-se na leitura das citações da obra analisada que, por nossa escolha, optamos por deixar a escrita e transcrição dos trechos da obra tal qual estão no livro. A edição de *Cais da Sagração* (1973) aqui usada é a segunda. Diversas outras já foram impressas e comercializadas. No entanto, por gosto, decidimos no uso de uma das pioneiras no mercado, lançada em 1973. Assim, muito dos trechos encontrados na citação, desviantes da atual norma padrão da língua portuguesa, refletem o caráter diacrônico da língua e como era o uso dessa variante no período do século XX no Maranhão e Brasil.